

## A SAÚDE DA AGRICULTURA

### Adeus aos inseticidas

**ANDRÉ LUIZ REBOLI**  
15 anos, 8ª série,  
Santo Isidoro

“Hoje, meu pai não usa mais fungicidas e inseticidas. Ele agora mata insetos e pragas usando caldas caseiras. Também começamos a produzir compostos orgânicos para adubar a horta.”



### Meio ambiente valorizado

**MICHAEL RICATI DA SILVA**  
13 anos, 7ª série,  
Panorama

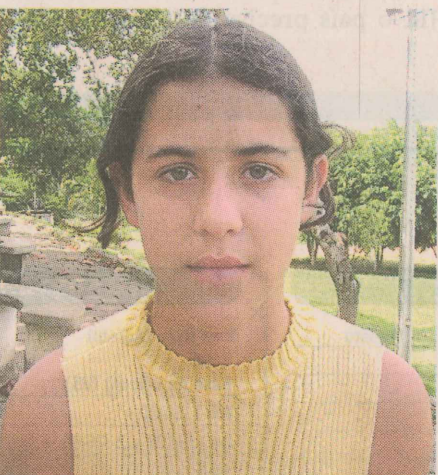
“Meu pai já está diminuindo o volume de adubos químicos na lavoura. Aos poucos ele está percebendo que é muito importante valorizar o meio ambiente.”



### Café no ponto e sem química

**FLAVIELI MIRANDA MALFER**  
12 anos, 7ª série, Santo Isidoro

“Meu pai usava muito adubo químico na lavoura de café. Agora ele está usando bem menos. Logo ele vai parar de usar de vez.”



**APRENDIZADO** ALUNOS SÃO FILHOS DE PEQUENOS AGRICULTORES QUE AINDA USAM MÉTODOS PREDATÓRIOS

# Filhos de produtores dão lição de desenvolvimento rural sustentável

Escola agrícola ensina crianças de Rio Bananal a usar racionalmente recursos naturais

**ZENILTON CUSTÓDIO**  
zcustodio@redegazeta.com.br

LINHARES. Fundamentada na idéia de que a vida ensina mais que a escola, a **pedagogia da alternância** tem contribuído significativamente para o desenvolvimento rural sustentável no Espírito Santo.

No município de Rio Bananal, onde há 27 anos está instalada uma das 30 Escolas Famílias Agrícolas (Efas) do Estado, ensinando alunos de 5ª a 8ª séries, pais e filhos buscam cada vez mais o uso racional dos recursos naturais.

“A pedagogia da alternância é um projeto educativo que contribui para a formação e desenvolvimento das pessoas. Ela valoriza a aprendizagem pelo fazer concreto do dia-a-dia, na experiência do trabalho familiar e em outras



**INICIANTE.** Everaldo Schimith e o filho Alisom, que foi matriculado na escola agrícola. FOTO: ZENILTON CUSTÓDIO

te”, afirma Sebastião Beijamim Pagoto, 56 anos de idade, e há 27 anos instalado na região de Santo Isidoro, onde mantém uma pequena lavoura de café e um pedaço de pasto com quatro cabeças de gado.

**Gerações.** Três pessoas da família de Sebastião Pagoto já passaram pela Escola Agrícola de Rio Bananal: a mu-

to Pagoto, 29, que completou o curso fundamental e o filho mais novo, André Lucas, 16, que está concluindo.

Sebastião Pagoto confessa que, inicialmente, resistiu em adotar os métodos que eram transmitidos pela mulher e pelos filhos. Ele relata que não conseguia assimilar muito bem termos como “agroecologia”, “agricultura susten-

se rendendo. Hoje, ele e a mulher exibem com orgulho a horta com “pés de alface que parecem cabeças de repolho” e a lavoura de café ao lado da qual o agricultor fez questão de posar para uma foto.

Não muito longe dali, ainda em Santo Isidoro, um outro produtor, Everaldo Schimith, deposita suas esperanças de um futuro melhor na Escola

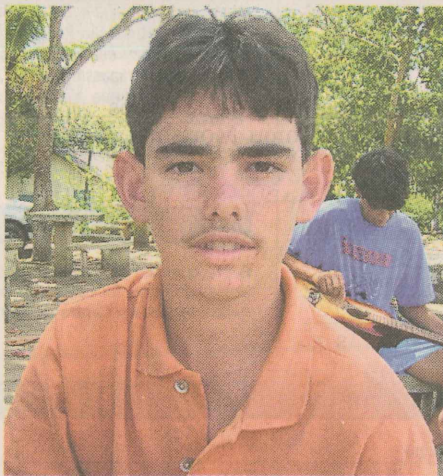


## De pai para filho

WELINGTON  
CESCONETO

15 anos, 8ª série, Santo Isidoro

“Papai plantava os pés de café muito juntos, e isso prejudicava a produção. A gente conversou, ele mudou e a produção melhorou.”



situações”, explica o diretor Paulo Sérgio Pagoto.

Os alunos são filhos de pequenos agricultores que, na maioria das vezes, ainda usam métodos agrícolas ultrapassados, predatórios e ineficientes. Vivem em propriedades tocadas por mão-de-obra familiar. É nesse cenário, sem acesso a altas tecnologias, que eles deverão fazer a diferença.

Muitos pais já comemoram os resultados. “As idéias que eles trazem de lá são bem melhores do que as idéias da gen-

lher, Maria de Lourdes Rebo-  
li Pagoto, que há 19 anos estu-  
dou durante um ano, o fi-  
lho mais velho, Roque Erivel-

tável”, entre outros.

Pressionado pela necessida-  
de, entretanto, o filho mais  
velho, Roque Pagoto, acabou

■ Valoriza o aprender pelo fazer concreto do dia-a-dia, na experiência do trabalho familiar e em outras situações. É desenvolvido nas chamadas Escolas Famílias Agrícolas (Efas), sendo que os alunos ficam um período na escola, em tempo integral, e outro com a família. A aprendizagem acontece nos períodos de atividades em casa e nos estágios.

Família Agrícola de Rio Bana-  
nal, onde acaba de matricular o  
filho de 10 anos, Alisom. O me-  
nino, que já ajuda em pequenas  
tarefas, mostra-se interessado  
em conhecer mais sobre méto-  
dos agrícolas que dispensam o  
uso de fertilizantes.

“Os pássaros não vivem em  
plantações com veneno”, ar-  
gumenta, abrindo uma dis-  
cussão que, certamente, de-  
verá contribuir muito para  
melhorar a qualidade de vida  
da família e motivar a produ-  
ção de alimentos cada vez  
mais saudáveis e naturais.

**SURPRESA** OS 50 MIL TOMATEIROS RENDERAM 500 CAIXAS POR CADA MIL PLANTAS, RESULTADO BEM ACIMA DA MÉDIA

# Terra do maracujá agora planta tomate

**Sooretama** importou da Região Serrana a cultura do tomate, que se adaptou bem à região

**ZENILTON CUSTÓDIO**

LINHARES. Tem algo de estranho nas terras planas do maracujá. Sooretama, maior município produtor da fruta no Estado, importou uma novidade das montanhas de Santa Teresa. Fugindo de pragas, o agricultor Valderi Blank plantou uma lavoura de 7,5 hectares de tomate no Norte

capixaba. A mudança não poderia ter sido mais feliz.

A redução do custo, conforme o produtor, foi de mais de 50%. Ele concentrou suas preocupações na qualidade e na produtividade. Não deu outra. Os 50 mil tomateiros lhe renderam 500 caixas por cada mil plantas, resultado bem acima da média normal. A colheita, iniciada na semana passada, deverá ser concluída esta semana.

Valderi planta tomates há 10 anos. Este ano, a exemplo de outros produtores de Santa Teresa, conforme destacou, ele decidiu experimentar novas

terras, áreas em que as pragas comuns a este tipo de cultura ainda não estão presentes. Ele encontrou o terreno na localidade de Juncado, interior de Sooretama. Antes da plantação de tomates, a área era ocupada por lavoura de maracujá.

A redução do custo não está relacionada apenas com a ausência de pragas – sobretudo a broca – e doenças. Ele aproveitou a estrutura usada para o plantio de maracujá, que assim como o tomate, se desenvolve entre estacas, se esparramando por grades de arame. Além disso, o terreno plano permitiu o uso de maquinários.

**Animado.** Valderi já faz planos para a próxima lavoura. Como a atual será ocupada novamente por maracujá ele arrendou uma área nas imediações, ainda no Juncado, onde pretende plantar 80 mil pés de tomate e 50 mil de pimentão. Os produtores vizinhos, que até então não tinham visto culturas deste tipo na região. Estão de olho. Jairo Meneguci Pardo, que há cinco anos planta maracujá, disse que vai acompanhar os movimentos de Valderi mais de perto.

“Ele está mostrando que, quando a terra é fértil, tudo é possível”, comentou.



**EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO.** Valderi Blank plantou uma lavoura de 7,5 hectares de tomate no Norte. FOTO: ZENILTON CUSTÓDIO